

O futuro brasileiro no Haiti

Written by Administrator

Monday, 25 January 2010 13:54 -



Depois da tragédia, o Brasil quer comandar o esforço internacional para tirar o Haiti dos escombros do terremoto. Vai conseguir?

Quando as tropas brasileiras desembarcaram em Porto Príncipe em 2004, no comando da Missão de Paz da Organização das Nações Unidas no Haiti (Minustah), os interesses do Brasil no país eram praticamente nulos. A histórica instabilidade do Haiti era sobretudo um problema dos Estados Unidos. No século passado, os americanos já haviam ocupado o território haitiano em três diferentes ocasiões. A última intervenção ocorreu em 1994, quando militares americanos ajudaram a levar ao poder o ex-padre católico Jean-Bertrand Aristide – o mesmo deposto em 2004 numa ação coordenada pelos americanos e pelos franceses, os primeiros colonizadores do Haiti. A entrada do Brasil no Haiti se deu a convite dos EUA, da França e do Canadá, país que abriga mais de 2 milhões de imigrantes haitianos. O governo Lula aceitou a proposta por causa de um interesse principal: mostrar que o Brasil estava à altura de um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Ao longo desses quase seis anos de presença brasileira no Haiti, a participação do Brasil nas discussões dos temas internacionais mais importantes aumentou, assim como as aspirações do país de ser reconhecido como uma potência emergente. A catástrofe haitiana, provocada pelo terremoto do dia 12 de janeiro, no qual morreram 18 militares brasileiros, mostrou o tamanho das pretensões brasileiras. Depois do terremoto, o governo Lula anunciou uma ajuda financeira de R\$ 340 milhões para a construção de postos de saúde e compra de ambulâncias e para o reforço do efetivo do Exército brasileiro na Minustah, que será dobrado de cerca de 1.300 para 2.600 soldados. Os gastos do Brasil com a missão de paz também vão crescer. Podem dobrar até o fim de 2010 (leia no quadro).

O futuro brasileiro no Haiti

Written by Administrator

Monday, 25 January 2010 13:54 -

Os planos do governo Lula passam também pela transformação da missão da ONU. Além de cuidar de assuntos relativos à segurança do país, a Minustah, sob a liderança do Brasil, passaria também a se envolver na construção de estradas, hospitais, escolas e infraestrutura no Haiti. “Queremos transformar a Minustah em uma ação de estruturação significativa, com o auxílio da França, do Canadá e principalmente dos EUA”, afirma o embaixador Antônio Simões, subsecretário-geral do Itamaraty para a América do Sul, a Central e o Caribe.

A ambição do Brasil de mostrar protagonismo no Haiti foi exibida também na reação do governo Lula à entrada de 7 mil soldados americanos no país depois do terremoto. A intervenção americana, autorizada pelo presidente do Haiti, René Prével, foi motivo de uma tensão política entre os EUA e o Brasil. Os ministros Celso Amorim e Nelson Jobim (Defesa) fizeram reclamações públicas contra a “ocupação americana”. O principal motivo de divergência foi a tomada do controle de tráfego aéreo do Haiti pelos militares americanos. As regras para pouso e decolagem de aviões impostas pelos EUA, após a catástrofe, irritaram as autoridades brasileiras, assim como grupos de ajuda humanitária.

Os americanos foram acusados de privilegiar o pouso de seus aviões militares no pequeno aeroporto de Porto Príncipe. Em reunião com outros integrantes do governo Lula, Nelson Jobim se disse vítima do gerenciamento de tráfego aéreo feito pelos americanos. Depois de sobrevoar por mais de uma hora o Haiti sem autorização para pousar, Jobim ordenou ao piloto do avião a aterrissagem em Porto Príncipe à revelia do controle aéreo. Segundo o governo haitiano, sem a ajuda americana, seria impossível restabelecer os voos em Porto Príncipe, pois uma das torres de controle foi completamente destruída pelo terremoto. A atuação do Grupo de Operações Aéreas da Flórida teria dobrado a capacidade de pouso no aeroporto haitiano.

A tensão entre o Brasil e os EUA foi desanuviada com uma conversa telefônica entre os presidentes Lula e Barack Obama. “Não queremos passar a imagem de que os EUA querem trabalhar sozinhos”, disse Obama a Lula, na conversa de 12 minutos que tiveram na terça-feira. Foi o segundo contato direto entre os dois presidentes desde o terremoto. Na quinta-feira, Arturo Valenzuela, secretário adjunto de Estado dos EUA para o Hemisfério Ocidental, reiterou o discurso de Obama de que a intenção dos EUA é fornecer o maior apoio possível ao Haiti, mas sem tirar da ONU suas responsabilidades no país.

Esse discurso é coerente com os problemas enfrentados pelos americanos em seus dois fronts: no Afeganistão e no Iraque, questões prioritárias para a política externa e de segurança dos EUA. “Nas próximas semanas o Exército americano deverá ser o protagonista das ações no Haiti”, diz Richard Gowan, pesquisador do Centro para Cooperação Internacional da Universidade de Nova York. “Mas isso não deve durar muito tempo, pois os EUA têm

O futuro brasileiro no Haiti

Written by Administrator

Monday, 25 January 2010 13:54 -

compromissos com o Iraque e o Afeganistão. Por isso, é muito difícil que o controle do Haiti saia do comando da ONU e do Brasil.”

No encontro com embaixadores de países das Américas, Valenzuela não deixou de dar uma alfinetada nas pretensões brasileiras de liderar os esforços de reconstrução do Haiti. “Se o Brasil está disposto a pôr muito mais recursos no Haiti, ele é mais que bem-vindo.” Até o terremoto, a missão comandada pelo Brasil mostrara-se bem-sucedida na pacificação do Haiti. O desafio de liderar a reconstrução do país depois da tragédia é bem maior e mais custoso. Se quer mesmo essa missão, o Brasil vai ter de mostrar também que pode assumir os custos dessa tarefa.

Fonte: Época - Juliana Arini